



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF E ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Tema Gerador 4

Educação em Agroecologia



O currículo do curso de agronomia da Universidade Federal de Uberlândia: limites e contingenciamentos à agroecologia

The curriculum of the agronomy course of the Federal University of Uberlândia: limits and contingencies to agroecology

SILVEIRA, Cristiane Amaro da; OLIVEIRA, Gabriel Cardoso; OLIVEIRA, Aline Dos Santos; BARBOSA, Janaína Flávia; BELAN, Helen Carla

Universidade Federal de Uberlândia (UFU), crisasilveira@yahoo.com.br;
gabriel_cardoso1998@hotmail.com; aline100895@gmail.com; janainafbarbosa@gmail.com;
belanhc@gmail.com

Tema Gerador: Educação em Agroecologia

Resumo

O presente trabalho se propõe a analisar a inserção da agroecologia no atual currículo do Curso de Agronomia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). A Metodologia usada foi a entrevista com docentes e a análise do Projeto Político Pedagógico (PPP) do Curso. Também foram utilizados dados coletados durante a disciplina de sociologia rural. Através do uso de referenciais teóricos de Pierre Bourdieu e Paulo Freire, configurou-se um espaço de lutas e disputas entre duas visões distintas em relação à formação e prática do agrônomo; sendo que a Agroecologia, ocupando uma posição de dominada neste campo, tem encontrado muita dificuldade em se afirmar enquanto opção técnica e ideológica.

Palavra-chave: Projeto Político Pedagógico; invasão cultural; campo social; domesticação; violência simbólica.

Abstract

The present work intends to analyze the insertion of the present agroecological curriculum of the Course of Agronomy of the Federal University of Uberlândia (UFU). The methodology used was the interview with teachers and the analysis of the Political Pedagogical Project (PPP) of the Course. Data collected during the discipline of rural sociology were also used. Through the use of theoretical references by Pierre Bourdieu and Paulo Freire, a space of struggles and disputes between two different visions in relation to the formation and practice of the agronomist was established; and agroecology, occupying a dominant position in this field, has found it very difficult to assert itself as a technical and ideological option.

Keywords: Pedagogical Political Project; cultural invasion; social field; domestication; symbolic violence.

Introdução

O conceito de Agroecologia, em termos de Brasil, remete-nos a registros bastante recentes. Apesar da trajetória aparentemente tenra, é possível encontrar o verbete em dicionários online, sendo que a Agroecologia aparece definida ora como “parte da ecologia que estuda os ecossistemas artificiais que se formam nas áreas agrícolas”, ora como “estudo que visa a integração equilibrada da atividade agrícola com a proteção do meio ambiente” (AGROECOLOGIA, 2017). A conotação científica destas definições



do termo encontra seu sentido se levarmos em consideração as sintomáticas preocupações com os impactos ambientais da ação humana e os seus reflexos no meio acadêmico e, especialmente, no campo das Ciências Agrárias.

Apesar do tabu positivista associado à ideia da neutralidade científica, o fato é que as Ciências Agrárias desempenharam e desempenham papel de protagonistas tanto na consolidação, como na contínua retificação do modelo de produção agropecuária ainda vigente na nossa sociedade. Edificado sobre um ideário produtivista, o modo de produção agropecuária hegemônico se consolida no pós-guerra ao lançar mão de sofisticados aparatos técnicos, vulgarmente conhecidos como pacotes tecnológicos: maquinário, adubos sintéticos, defensivos químicos, sementes oriundas de programas de melhoramento genético (e, mais recentemente, os OGM's). Todos estes insumos, na maioria das vezes, desenvolvidos e/ou validados pelas universidades públicas e empresas de pesquisa agropecuária e extensão rural foram generalizados no espaço social via crédito rural subsidiado e políticas públicas.

O Contexto de formação e atuação profissional não foi refratário, pelo contrário, a toda esta parafernália técnica e ideológica. Paulo Freire denominou de “invasão cultural” à conquista opressora por meio da qual os invasores impõem a sua visão de mundo aos invadidos, “domesticando-os”, alienando-os, dirigindo-os, na condição de “messias”, para longe dos seus saberes e práticas culturais. À Figura do engenheiro agrônomo, em sintonia com este imperativo categórico, restou, portanto, defender a invasão cultural como solução única (FREIRE, 2002). O contraponto à ignorância camponesa, ou mesmo à sua resistência, sempre foi alguma técnica de convencimento à adoção de tecnologias exógenas.

Pari passu a esta performance “extensionista”, manipuladora e mecanicista, as instituições educadoras e os currículos dos Cursos de formação obedeceram sistematicamente a um regime de criação, seleção, organização e distribuição do conhecimento estreitamente relacionado aos processos sociais mais amplos de acumulação e legitimação da sociedade capitalista (SILVA, 1990), tendendo a privilegiar as manifestações e os valores culturais da classe dominante (BOURDIEU, 1975). Neste sentido, o conceito de “campo social” concebido por Pierre Bourdieu enquanto um espaço de lutas e de enfrentamentos, onde os agentes encontram-se dispostos em relações de exterioridade mútua, na condição de dominantes ou dominados, em busca da reprodução ou da subversão do campo, respectivamente, surge como uma das possibilidades teóricas na exegese das práticas e das ideias agroecológicas. A Agroecologia não surge por acaso, quintessencialmente, ela é o resultado de uma história de enfrentamentos e contingenciamentos entre o modo de produção dominante e as agriculturas



ditas “alternativas”, assim caracterizadas justamente por se contraporem ao modelo hegemônico de produção. O projeto agroecológico, deste modo, possui uma conotação técnico-científica, propondo não apenas soluções técnicas ao homem campo, mas também reconhecendo este espaço de enfrentamento ideológico. Na condição de dominados no campo, encontram mais aridez na batalha, uma vez que os dominantes lançam mão de uma forma de violência, denominada por Bourdieu de “violência simbólica”, que é uma forma doce e suave de violência, uma vez que não se baseia na força física, mas sim no reconhecimento da ideologia dominante como a forma mais certa de agir no mundo.

Este estudo se propõe a analisar o currículo do Curso de Agronomia da UFU à luz desta perspectiva de relações de força, de um espaço de jogo, buscando delinear a posição ocupada pela Agroecologia, no sentido realçar seus limites e possibilidades na luta pela subversão, total ou parcial, do paradigma produtivista vigente.

Metodologia

Para obtenção dos dados foi elaborado um questionário, o qual foi aplicado, por meio de entrevistas presenciais ou por meio eletrônico aos docentes que ministram aulas para o Curso de Agronomia da UFU. O questionário foi composto por três perguntas: a primeira abordando o entendimento dos sujeitos da pesquisa em relação ao termo sustentabilidade, a segunda versando sobre a inserção da temática agroecológica no currículo do Curso e a terceira indagando sobre a participação do docente em atividades agroecológicas no âmbito da universidade. Também foi analisado o Projeto Político Pedagógico (PPP) do Curso (CONGRAD, 2007) em relação a quantas vezes o projeto menciona os termos “sustent” e “agroecol” e também em quais partes do texto eles são mencionados, seguindo a Metodologia utilizada por Jacob (2011). Outrossim, utilizou-se os Resultados de uma avaliação realizada por todos os discentes matriculados, no período compreendido entre agosto de 2005 a fevereiro de 2006, incluída no PPP. Finalmente, foi utilizada uma atividade realizada pela turma do segundo período para a disciplina de Sociologia Rural, na qual foi solicitado aos estudantes que desenhassem algo que eles achavam importante se discutir ao longo da matéria em questão. Para fins deste Resumo, privilegiou-se uma análise predominantemente qualitativa dos dados.

Resultados e discussão

Em uma busca pelos termos “sustent.” e “agroecol.” no PPP do Curso, constatou-se que enquanto o termo “sustent.” apareceu 34 vezes, o termo “agroecol.” teve parca manifestação, ocorrendo apenas quatro vezes ao longo das 348 páginas do documento.



Enquanto o primeiro termo (“sustent.”) apresenta uma boa dispersão ao longo de toda a justificativa do projeto, nas questões realizadas com discentes, bem como na ementa de algumas disciplinas, o segundo termo (“agroecol.”) tem suas poucas aparições concentradas na ficha de uma única disciplina: Ecologia Agrícola. Percebe-se, portanto, que os dois termos não ocupam espaços equivalentes, muito menos são utilizados como sinônimos. Este contraste é explicado considerando-se que o termo sustentabilidade - e suas flexões - tem sido introduzido nos discursos, nas últimas décadas, na qualidade de imperativo categórico, como algo que não se pode prescindir diante dos impactos e degradação ambiental que vivenciamos. Neste sentido, o uso de termos relacionados à sustentabilidade é muito mais característico aos dominantes no campo das Ciências Agrárias, dentro de uma abordagem ainda produtivista, mas que sinaliza para algum tipo de preocupação com o meio ambiente, como estratégia de preservação das relações de forças dominantes. A solução, de outro modo, para os problemas ambientais, continua se restringindo a novidades tecnológicas: plantio direto, agricultura de precisão, OGM's. Já a Agroecologia, que propõe o rompimento com as abordagens produtivistas e tecnicistas, ocupa um espaço marginal, justamente, por ocupar uma posição de dominada neste campo de conhecimento. Esta posição precária e subalterna ocupada pela Agroecologia no currículo é confirmada em várias situações, como em entrevista realizada com uma das docentes do Curso, que também compõe o Núcleo Docente Estruturante (NDE), quando ela afirma: “como disciplina específica ela [Agroecologia] não consta no currículo”, sendo que “nas disciplinas e aulas práticas atuais fica em função do professor da matéria”.

Mas, será que um educador em harmonia com a visão de mundo dominante vai desenvolver atividades pedagógicas ou projetos que coloquem efetivamente em prática a Agroecologia? Considerando o contingenciamento do currículo pelos interesses dominantes e pelo mercado, na verdade, não se podem alimentar muitas expectativas. Pelo contrário, é o próprio Presidente do NDE e professor do curso quem afirma: “Essa região é extremamente produtiva, com agricultura de alta tecnologia. Eu acho muito interessante a agricultura alternativa e de baixo insumo e agrotóxicos, mas infelizmente não temos priorizado isso aqui dentro do nosso curso”. Da mesma forma, raros são os docentes que afirmaram desenvolver projetos ou atividades de cunho agroecológico, sendo que alguns, dentre estes, julgam equivocadamente contribuir para a causa agroecológica ao desenvolverem ações que incorporam em algum nível o conceito de sustentabilidade.



Considerando-se, por outro lado, o ponto de vista discente, conseguimos perceber uma tendência um tanto diferenciada. Em um questionário avaliativo aplicado aos alunos de todos os períodos do Curso, 93% consideraram necessária a presença de disciplinas que contribuam para um embasamento teórico na busca por um desenvolvimento sustentável. Neste caso, apesar das diversas compreensões implicadas pelo termo “sustentável”, o que se percebe é uma abertura discente para a questão, apesar destes não encontrarem a devida contrapartida docente e curricular. Da mesma forma, quando abordados em relação às expectativas com o Curso, 64,8% dos discentes associaram a formação e a atuação do agrônomo a uma perspectiva exclusivamente produtivista, enquanto que 47,6% dos mesmos consideraram a busca por um desenvolvimento sustentável prioritária, esta sobressaindo-se à questão econômica. Percebe-se, neste sentido, a violência simbólica exercida por um currículo com viés produtivista sobre as disposições discentes, uma vez que os alunos encontram-se submetidos a uma “educação bancária”, em termos freirianos, tão vitimizados quanto os pequenos produtores, em um processo verticalizado, opressor e domesticador de consciências. O currículo, desta forma, atua autorizando o que se deve ou não falar, com quem se deve ou não trabalhar, definindo um acordo e alinhamento tácito com a ideologia dominante.



Figura 1 - Desenho apresentado por um grupo de alunos do segundo período do curso de Agronomia, durante a disciplina de Sociologia Rural.

Desta forma, ao contrário da educação libertadora, crítica e dialógica, preconizada tanto por Paulo Freire quanto por qualquer educador comprometido com a transformação social, o Curso em questão atua formatando consciências ou, dito de outro modo, alienando, interditando determinadas buscas, perguntas. Veja-se, por exemplo, um desenho feito por alunos do 2º período do Curso, na primeira aula de Sociologia



Rural (Figura 1). Na descrição, a pergunta: “Como perdemos a prática do que já foi tão evoluído?”. Na imagem, eles questionam não só o ideário positivista da superioridade científica, como revalorizam e redimensionam saberes exteriores e preexistentes a ela, solapados e marginalizados pelo paradigma dominante. Em um espaço democrático e dialógico, certamente, tais reflexões não seriam sufocadas, mas trabalhadas amorosamente. Por hora, certamente, não o serão.

Conclusão

Os Resultados encontrados pela pesquisa sinalizam para uma tendência reprodutora da ideologia dominante no campo das Ciências Agrárias, onde a maioria dos docentes desenvolve atividades de ensino, pesquisa e extensão voltados para um modelo de propriedade monocultora e altamente dependente de recursos externos, sendo que há pouco ou nenhum espaço no atual currículo para o empoderamento da Agroecologia. Em contraponto a esta tendência de invasão cultural, os discentes revelaram relativa expectativa em relação a formas de produção mais sustentáveis, bem como apresentam algum nível de crítica ao atual modelo e reconhecem outros protagonistas, para além dos quadros profissionais; apesar de não encontrarem meios de dar vazão a estes *insights*.

Segundo Primavesi (2008), a “Agroecologia se refere ao sistema natural de cada local”, considerando o solo, o clima e os seres vivos; bem como as interrelações decorrentes. O que se almeja, portanto, é aproveitar o potencial natural dos ambientes naturais, alterando-os o mínimo possível. “Por essa razão, a Agroecologia depende muito da sabedoria de cada agricultor, desenvolvida desde suas experiências e observações locais” (PRIMAVESI, 2008). Para se fazer frente a violência simbólica do paradigma ainda hegemônico nas Ciências Agrárias, vislumbra-se, portanto, a busca de alianças, pelas minorias dominadas, com outras e diversas ações afins no âmbito institucional ou fora dele (docentes, agricultores e/ou movimentos sociais), bem como a *promoção de debates e reflexões*, a fim de articular um grupo oposição e de luta por uma nova forma de se pensar a formação e a atuação do Agrônomo, para além da reprodução do *status quo*.

Referências

- AGROECOLOGIA. OsDicionarios.com, 05 abr. 2017. Disponível em < <http://www.osdicionarios.com/c/significado/agroecologia>>. Acesso em 05 abr. 2017.
- BOURDIEU, P; PASSERON, J. C. **A reprodução**. Elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1975.



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DE E ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Tema Gerador 4

Educação em Agroecologia



BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand, 1998.

CONGRAD. Projeto Pedagógico do Curso de Graduação em Agronomia. Universidade Federal de Uberlândia, 2007. Disponível em: <http://www.iciag.ufu.br/sites/iciag.ufu.br/files/Anexos/Bookpage/AG_ProjetoPedagogico_0.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2017.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2002.

JACOB, L. B. **Agroecologia e universidade: vozes e silenciamentos**. Piracicaba: Universidade de São Paulo, 2011. p. 37-40.

PRIMAVESI, A. M. Agroecologia e manejo do solo. **Agriculturas**, v.5, n.3, set. 2008. Disponível em: <http://aspta.org.br/wp-content/uploads/2011/05/Agriculturas_v5n3.pdf>. Acesso em: 31 mar. 2017.

SILVA, T. T. da. Currículo, conhecimento e democracia: as lições e as dúvidas de duas décadas. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n.73, p.59-66, mai. 1999.